



Westsächsische Hochschule Zwickau
University of Applied Sciences
HOCHSCHULE FÜR MOBILITÄT | UNIVERSITY FOR MOBILITY



Angewandte Sprachen und Interkulturelle Kommunikation
Fakultät der Westsächsischen Hochschule Zwickau

15. Deutscher Lusitanistentag Zwickau

Sektion 9: Die empirische Wende in Untersuchungen zur linguistischen Variation in lusophonen Sprachökologien

Secção temática 9: A viragem empírica no estudo da variação linguística em ecologias lusófonas

Stand / última atualização: 02/08/2023

Sala/ Raum PKB 301

Resumos – Abstracts

Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (USP/CNPq)

5ª/Do 21/09/2023, 9h15

O levantamento de dados para o Atlas Linguístico de São Paulo (ALiESP)

A comunicação tem o objetivo de colocar em discussão o método de coletas dados pensado para a constituição do corpus do ALiESP. O estado de São Paulo apresenta peculiaridades demográficas e urbanas que

demandam a adoção de inovações metodológicas mais radicais, se se deseja um mapeamento mais próximo da realidade. Espera-se, necessariamente, um entrelaçamento de metodologias, que, de um lado haja uma grande fotografia geral que permita comparar todas as regiões, a partir da qual se produzam retratos que permitam um zoom de aproximação em determinadas regiões, tanto adensadas demograficamente em teias urbanas complexas, quanto com baixa densidade demográfica e especificidades culturais e linguísticas que demandem observação mais acurada. Não se trata, porém, de “mesclar” a metodologia dialetológica com a metodologia variacionista, pois o método de coleta de dados não visa a levantar processos variacionais internos às comunidades (o que pode até ocorrer), que se manifestam preferencialmente em entrevistas livres, mas ter um retrato mais fiel do que é estável e do que está em mudança.

Paul O'Neill (LMU Munique)

5ª/Do, 21/09/2023, 10h

Varição idiossincrática no português brasileiro e suas origens sócio-históricas

Vários trabalhos na área de sociolinguística variacionista aceitam que a heterogeneidade ordenada ('Ordered heterogeneity' Weinreich/ Labov/ Herzog 1968) é uma propriedade definidora das comunidades de fala. Ou seja, a variação linguística não é aleatória ou idiossincrática, mas, quando não governada gramaticalmente, é estruturada ao longo de dimensões sociais, onde as variáveis linguísticas podem ser indexadas a algum significado ou categoria social. Os estudos variacionistas desse tipo são típicos no Brasil. Tais estudos, entretanto, têm sido criticados por (a) aderirem ao que Wolfram e Beckett (2000) denominaram "a suposição de

homogeneidade" e (b) negligenciarem a variação idiossincrática. Com referência a esta última, há um corpo crescente de pesquisas destacando a prevalência da variação idiossincrática dentro das comunidades de fala, mais notadamente Dorian (2010). Esta autora sugere que tal variação tem sido negligenciada dentro da teoria linguística, uma vez que é difícil para os pesquisadores discerni-la e reconhecê-la devido a seu histórico dentro de línguas altamente padronizadas e as suposições arraigadas sobre variação na fala confirmando o princípio da heterogeneidade ordenada. Argumento que este não é particularmente o caso nas pesquisas sobre variação no português brasileiro devido à prevalência geral da variação nesse país, mas que o princípio orientador dos estudos é sempre o da heterogeneidade ordenada.

Apresento dados de experimentos de elicitación com falantes nativos do português brasileiro, para destacar a extensão da variação idiossincrática dentro deste país. Meu experimento concentra-se nas diferentes formas do imperativo em português brasileiro. Para o singular existem duas formas morfológicas diferentes: uma derivada historicamente do paradigma você (faça) e a outra do paradigma tu (faz). Minha hipótese original era a de que a diferença entre estas formas estava sendo refuncionalizada (Britain & Trudgill, 2005) para produzir um sistema imperativo nuançado baseado em diferentes níveis de formalidade. Os dados, entretanto, não suportavam inteiramente esta hipótese. Ao invés disso, havia muita variação idiossincrática. Tal variação foi espelhada nos resultados das tarefas de elicitación para formas plurais do imperativo. Aqui, o mesmo falante poderia produzir até quatro formas morfológicas diferentes para o imperativo (façam, faça, faz, fazem).

Discuto os resultados com respeito a suposições na literatura linguística de que historicamente o uso da língua se torna homogêneo com o tempo (Trudgill, 2001) e defendo que tal variação idiossincrática no Brasil não deve ser vista como anormal, mas como um resultado da ecologia (Mufwene, 2001) da evolução da língua portuguesa nesse país.

Referências bibliográficas

- Britain, David/ Trudgill, Peter (2005): "New Dialect Formation and Contact-Induced Reallocation: Three Case Studies from the English Fens", in: *International Journal of English Studies*, 5,1, 183-209. doi:10.6018/ijes.5.1.47951
- Mufwene, Salikoko S. (2001): *The ecology of language evolution*. Cambridge, UK ; New York: Cambridge University Press.
- Trudgill, Peter (2001): "Contact and Simplification: Historical Baggage and Directionality", in: *Linguistic Change. Linguistic Typology*, 5,2-3), 371-374. doi:10.1515/lity.2001.002
- Weinreich, Uriel/ Labov, William/ Herzog, Marvin I. (1968): "Empirical foundations for a theory of language change", in: Lehmann, Winfred P./ Malkiel, Yakov (Eds.): *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 97-195.
- Wolfram, Walt,/ Beckett, Dan A. N. (2000): "The role of the individual and group in earlier African American English", in: *American Speech*, 75,1, 3-33. doi:10.1215/00031283-75-1-3

Dinâmicas linguísticas em processos de migração Sul-Sul: o português L3 dos migrantes haitianos em Chapecó (Brasil) e da comunidade congoleza em um bairro de Luanda (Angola)

É relativamente difícil obter dados linguísticos confiáveis sobre processos de migração no *Sul Global*. No entanto, minha pesquisa de campo em Brasil e Angola (2019-2023) me permite trabalhar com duas comunidades migrantes específicas. Por um lado, abordarei a comunidade de migrantes haitianos em Chapecó (Santa Catarina, Brasil), e por outro, a comunidade de congolenses no bairro Palanca de Luanda (Angola).

Chapecó é um importante centro industrial, financeiro e educacional, especialmente conhecido pela produção industrial de alimentos. Como resultado, a forte imigração de países latino-americanos menos favorecidos; nos últimos dez anos, aproximadamente 20.000 haitianos chegaram a Chapecó em busca de trabalho, o que equivale a quase 10% da população total (Krug 2022). Quanto ao grupo de migrantes congolezes em Luanda (Angola), eles são descendentes de angolanos que migraram para a República Democrática do Congo (RDC), principalmente para Kinshasa, no final do período colonial português. A partir da década de 1990, esses migrantes e sobretudo seus descendentes (nascidos na RDC) começaram a retornar cada vez mais a Angola, geralmente não voltando para suas regiões de origem, mas se estabelecendo na capital, Luanda. Eles são frequentemente chamados de "regressados" (Bonvini 2006: 1978-1979; Pereira 2008).

De maneira geral, o repertório linguístico desses dois grupos pode ser esquematizado da seguinte forma:

| | L1 (Língua materna, língua vernácula no país de origem) | L2 (Língua de herança pós-colonial e língua oficial no país de origem) | L3 (Língua mais comumente usada e língua oficial no país receptor) |
|----------------------|---|---|---|
| Haitianos em Chapecó | Kreyòl (Língua crioula baseada no francês com substrato africano ocidental) | Francês | Português |
| Congolese em Luanda | Lingala (Língua crioula baseada em línguas bantas-C com substrato africano ocidental) | Francês | Português |

Existem várias questões linguísticas (tanto sociolinguísticas quanto estruturais) relacionadas a cada grupo de migrantes que podem ser exploradas no âmbito do meu projeto (a transmissão ou não da L1 de geração em geração, o papel sociológico da L2 para falantes que se apresentam como migrantes qualificados, as dinâmicas de alternância de códigos, etc.). Nesta apresentação, no entanto, vou me concentrar na natureza e extensão das transferências da(s) língua(s) trazida(s) pelos migrantes para a variedade adquirida da língua majoritária do país de acolhimento, o que frequentemente resulta no desenvolvimento de uma variedade migrante específica do português.

Referências bibliográficas

Bonvini, Emilio (2006): "Lusophone Afrika / Das lusophone Afrika", in: Ammon, Ulrich/ Dittmar, Norbert/ Mattheier, Klaus J./ Trudgill, Peter (eds.). *Sociolinguistics / Soziolinguistik. An International Handbook of the Science of Language and*

Society / Ein internationales Handbuch zur Wissenschaft von Sprache und Gesellschaft, vol. 3, 2a ed. Berlin; New York: de Gruyter, 1975-1981.

Krug, Marcelo (2022): *Colonização e diversidade linguística no Oeste Catarinense*. Red Baymis (15.3.2022). <https://www.youtube.com/watch?v=I1HG8L2Dtlg>

Pereira, Luena Nascimento Nunes (2015): *Os bakongo de Angola: etnicidade, religião e parentesco num bairro de Luanda*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

Benedito de Sales Santos (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará)

5ª/Do, 21/09/2023, 14h45

O português falado pelos Kayapó do médio Xingu

O Brasil é um país que possui, além do português, cerca de 180 etnias indígenas com seus respectivos falantes. Esse fato é por muitas vezes ignorado em função de políticas uniformizadoras motivadas pela ideia de que o português é língua oficial por excelência, ignorando que há inúmeros povos com suas línguas e culturas vivas habitando no território nacional. No Brasil, existem línguas dos Agrupamentos Linguísticos Tupi, Macro-Jê ou de famílias linguísticas como as famílias Caribe, Aruake e Pano. O caso da língua Kayapó é emblemático, pois esse povo de nome homônimo habita várias comunidades situadas dentro do território do município de São Félix do Xingu, no Estado do Pará. Há muitos indígenas que vivem nas comunidades, mas há um número que se deslocam para a cidade para dar continuidade aos seus estudos formais do mundo kuben (branco). Esses indígenas geralmente são bilingues e falam o português como L2. Esse dado é importante de ser destacado, pois revela que o português falado por esses indígenas apresenta as mesmas características de uma língua falada como segunda língua, quais sejam: code-switching, questões morfossintáticas e, é claro, utilização de elementos fonéticas da

L1 no uso da L2. Desse modo, este trabalho visa investigar quais os elementos fonéticos e fonológicos da língua Kayapó que são utilizados pelos falantes de português como L2, e que implicações essa realização exerce na estrutura do português.

*Javier Martín Salcedo (Universidade Federal da Bahia - UFBA) &
David Porcel Bueno (Universidad de Granada - UGR)*

5ª/Do, 21/09/2023

A frequência e uso de locuções adverbiais do português brasileiro no falar baiano

Nesta comunicação apresentaremos uma pesquisa de campo realizada no estado brasileiro da Bahia, com o intuito de mostrar a vitalidade e atualização de trinta e quatro locuções adverbiais, no padrão preposição + adjetivo, selecionadas para o português baiano. Para tal, vários questionários foram aplicados nas cidades de Salvador e Arembépe no Estado da Bahia a sujeitos de idade, gênero e condição socioeconômica diversas. No que diz respeito aos instrumentos de pesquisa, estabelecemos um questionário de dados pessoais, a fim de situar os inquiridos na pesquisa; uma entrevista semidirigida com base em tópicos, visando registrar as unidades fraseológicas em relação ao seu contexto imediato; bem como um questionário sociolinguístico de locuções adverbiais que registrasse a vitalidade e restrições de uso das unidades fixas propostas. Além disso, no decorrer do nosso trabalho, objetivamos tratar das percepções/avaliações de acordo com os inquiridos, no que tange às restrições de idade, estilo, gênero ou produção das supracitadas locuções no padrão sintático previamente estabelecido, bem como observar a frequência e o uso das estruturas de língua pesquisadas. Para

compreendermos melhor o fenômeno analisado, o nosso estudo visou gerar dados de diversas locuções emergidas nos discursos veiculados nos sujeitos por meio de entrevistas semidirigidas com base em três tópicos. Por fim, cabe salientar que os resultados obtidos apontam tanto para locuções usadas e com certa vitalidade, quanto para outras incomuns e de frequência restrita.

Katharina Gerhalter (Universität Graz)

5ª/Do, 21/09/2023, 16h45

Advérbios no Português brasileiro: variações entre língua falada e língua escrita no corpus *Discurso & Gramática*

O Corpus *Discurso & Gramática* foi criado por Votre, de Oliveira & da Cunha de 1991 a 1998 nas cidades do Rio de Janeiro, Rio Grande (do Sul), Juiz de Fora, Natal e Niterói. Ele permite comparar a linguagem oral e escrita de um mesmo falante, pois, após as entrevistas orais gravadas, cada um dos 171 informantes foi solicitado a escrever um texto sobre exatamente os mesmos cinco tópicos abordados durante a respectiva entrevista. Portanto, esses textos escritos são elaborações de conversas orais e mostram um grau mais alto de planificação. Nesta palestra, quero mostrar como esse corpus pode ser (re)usado para analisar as diferenças entre o PB falado e o escrito.

Em termos concretos, este estudo aborda três tipos de advérbios ou adverbiais baseados em um adjetivo:

- i. advérbios derivados de adjetivos pelo sufixo *-mente*, como *admiravelmente*

- ii. adjetivos-advérbios, ou seja, advérbios resultantes de adjetivos recategorizados sem nenhum marcador morfológico, como *alto* ou *rápido*
- iii. locuções adverbiais formadas por uma preposição + um adjetivo, como *em geral* ou *por fim*.

Cada uma das mais de 4.000 ocorrências de advérbios/adverbiais foi lematizada e anotada, resultando no *Corpus of Brazilian Portuguese Adjective-Adverbs, mente-Adverbs and Prepositional Phrases in the Corpus Discurso & Gramática* (Votre et al. 2020). Esse banco de dados oferece, portanto, um *tagging* sistemático e completo de advérbios baseados em adjetivos e permite a pesquisa de advérbios lematizados, bem como de categorias semântico-funcionais específicas.

Em geral, presume-se que os advérbios em *-mente* são mais frequentes em textos escritos, enquanto os adjetivos-advérbios são preferidos na língua falada. Com relação aos advérbios preposicionados, até o momento não foi traçado um quadro claro.

O corpus não só permite uma comparação quantitativa global entre língua falada e escrita, mas também uma análise mais refinada com relação a vários aspetos:

- comparação de frequência *type* e de frequência *token* dos três tipos de advérbios no subcorpus oral e escrito
- comparação de frequências de diferentes funções adverbiais na linguagem falada e escrita (por exemplo, advérbios de modo, marcadores de discurso, advérbios oracionais, advérbios de foco ou quantificadores)

- Substituição de, por exemplo, advérbios-adjetivos orais por advérbios em *-mente* no texto escrito (no mesmo contexto / na mesma sequência de discurso pelo mesmo falante)
- Para advérbios muito frequentes, como *de novo* vs. *novamente*, além das diferenças entre o uso oral e escrito, também podem ser mostradas diferenças sociolinguísticas (nesse caso: o uso de *de novo* ou *novamente* dependendo da idade/do nível educacional)

Referências bibliográficas

Base de dados

Votre, Sebastião/, Oliveira, Mariangela Rios de/ Cunha, Maria Angélica Furtado da/ Gerhalter, Katharina (2020): *Corpus of Brazilian Portuguese Adjective-Adverbs, mente-Adverbs and Prepositional Phrases in Corpus Discorso & Gramática*, in: *Adjective-Adverb Interfaces in Romance. Open-Access Database*. <https://gams.uni-graz.at/o:aaif.ptapmdeg>

Outras referências

- Barbosa, Mariana Gonçalves (2006): *Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos: um estudo sobre os adjetivos adverbializados*. Dissertação de Mestrado (Linguística). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Bechara, Evanildo (2009): *Moderna Gramática Portuguesa*. (37^a. ed). Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna.
- Campos, Julia Langer de (2019): *A competição entre [verbo ADJETIVO ADVERBIAL] e [verbo XMENTE] na rede construcional qualitativa do português brasileiro: uma análise centrada no uso*. Dissertação de Mestrado (Linguística). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Cappelle, Bert (2009). "Can we factor out free choice?", in: Dufter, Andreas/ Fleischer, Jürg/ Seiler, Guido (Eds.): *Describing and Modeling Variation in Grammar*. Berlin; New York: de Gruyter (Trends in Linguistics; 204), 183-202.
- Cunha, Celso/ Cintra, Luís Felipe Lindley (2017): *Nova gramática do português contemporâneo* (7^a. ed). Rio de Janeiro: Lexikon.

- Gondim, Emanuela Monteiro (2020): *Flutuação categorial entre advérbios e adjetivos com função adverbial*. Tese de Doutorado (Linguística). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará.
- Hummel, Martin (2002): "Considerações sobre os tipos "Ela fala esquisito" e "Ela chega cansada" no português coloquial e literário do Brasil e de Portugal," in: *Confluência*, 24, 43–70.
- Hummel, Martin/ Chircu, Adrian/ García Sánchez, Jairo Javier/ García-Hernández, Benjamín/ Koch, Stefan, Porcel Bueno, David/ Wissner, Inka (2019): "Prepositional Adverbials in the Diachrony of Romance: a State of the Art", in: *Zeitschrift Für Romanische Philologie*, 135, 4, 1080–1137. <https://doi.org/10.1515/zrp-2019-0062>
- Ilari, Rodolfo (2007): "A categoria advérbio na Gramática do Português Falado", in: *Alfa: Revista de Linguística*, 51,1, 151–174.
- Raposo, Eduardo Buzaglo Paiva (2013): "Advérbio e sintagma adverbial," in: Raposo, Eduardo Buzaglo Paiva/ Nascimento, Maria Fernanda Bacelar do/ Mota, Maria Antónia Coelho da/Segura, Luísa/ Mendes, Amália/ Andrade, Amália (Eds), *Gramática do Português*, vol. 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1569–1684.

Aurelia Merlan (Ludwig-Maximilians-Universität München)

6a/Fr, 22/09/2023, 9h15

Sobre algumas concordâncias entre línguas e variedades da chamada "România Lateral"

O fato de certas palavras, sentidos, fenómenos fonológicos e/ou (morfo)sintáticos se encontrarem – para além de nas línguas românicas "principais", com larga tradição escrita e já há muito tempo normalizadas – em línguas e variedades linguísticas isoladas (e implicitamente conservadores), faladas sobretudo ou somente no meio rural e transmitidas séculos a fio exclusiva- ou predominantemente pelo canal

oral ajuda-nos a entender melhor aspetos da diacrónia das línguas românicas e a corrigir ou, pelo contrário, trazer argumentos novos a favor de teorias e explicações prévias.

Para demonstrar isso, concentrar-me-ei na minha comunicação sobre quatro particularidades presentes (também) em várias línguas e variedades da chamada "România Lateral" (algumas delas minoritárias), a saber: a apócope, o tratamento por vós, certas partículas vocativas e o pronome-sujeito expletivo.

Albert Wall (Universidade de Viena)

6ª/Fr, 22/09/2023, 10h

Experimentos de aceitabilidade e elicitación revelam diferenças gramaticais na marcação diferencial de objeto em variedades do português

Esta contribuição aproveita métodos experimentais para verificar empiricamente algumas afirmações da literatura sobre configurações de marcação diferencial de objeto (MDO) em português que não são facilmente encontradas em *corpora* devido à sua baixa frequência de uso. Tradicionalmente, o português não é considerado uma língua de MDO prototípica porque a marcação de objetos diretos nominais pela preposição *a* é bastante restrita. Ela raramente aparece na fala e é também amplamente rejeitada por falantes nativos (Döhla 2014: 279). Entre os vestígios da MDO figuram algumas construções bastante fixas e uma certa variação em contextos de ambiguidade. No entanto, recentes estudos comparativos sobre a MDO chamaram a atenção justamente para essas configurações. Por exemplo, Caro Reina (2020) propôs uma revisão

da chamada *hierarquia de animacidade estendida*, argumentando com dados do português como (1), onde o nome da divindade *Deus* recebe a marca. Ele argumenta que, como os nomes de divindades recebem a marcação em português, enquanto os nomes pessoais não, a categoria de nomes de divindades deve ser incluída na hierarquia separadamente e acima dos nomes pessoais.

(1) adorar a Deus

Desde uma perspectiva bastante diferente, Cyrino (2017) argumenta que no português brasileiro (PB) a marcação pode ser usada em contextos de ambiguidade como (2) para excluir a leitura de elipse verbal (“o professor também viu o menino”).

(2) Eu vi o menino e (a)o professor também.

Além disso, ela afirma que a marca é opcional com certos quantificadores indefinidos e referentes animados:

(3) ele visitou (a) alguns homens / *a algumas escolas

Esta comunicação discute resultados (i) de um experimento de julgamentos de aceitabilidade com falantes do português europeu (PE, N=42) e do PB (N=42) que contrastam nomes de divindades com nomes próprios e substantivos que denotam objetos inanimados; (ii) um experimento de aceitabilidade com 48 falantes do PB contrastando objetos animados e inanimados em contextos de quantificação como em (3); e (iii) um experimento de elicitación com 42 falantes do PB e PE, onde, entre

outras configurações, frases como (2) foram elicitadas em diferentes leituras. Com base nos resultados argumentarei que (a) a categoria de divindade parece ser mais relevante no PE que no PB; (b) a função desambiguadora da MDO é mais produtiva no PB que no PE, e (c) a afirmação de opcionalidade da MDO com quantificadores indefinidos do PB só se confirma parcialmente.

Referências bibliográficas

- Caro Reina, Javier (2020): "Differential Object Marking with proper names in Romance languages", in: Kempf, Luise/ Nübling, Damaris/ Schmuck, Mirjam (eds.): *Linguistik der Eigennamen*. Berlin: Mouton de Gruyter, 225–257.
- Cyrino, Sônia (2017): "Reflexões sobre a marcação morfológica do objeto direto por a em português brasileiro", in: *Estudos Linguísticos e Literários* 58, 83–103.
- Döhla, Hans Jörg (2014): "Diachronic convergence and divergence in differential object marking between Spanish and Portuguese", in: Braunmüller, Kurt/ Höder, Steffen/ Kühn, Karoline (eds.): *Stability and Divergence in Language Contact: Factors and Mechanisms*. Amsterdam: John Benjamins, 265–290.

*Rakel Beserra de Macêdo Viana (Universidade da Madeira),
Aluiza Alves de Araújo (Universidade da Madeira) &
Aline Maria Pinguinha França Bazenga (Universidade da Madeira)*

6ª/Fr., 22/09/2023, 11h15

Os verbos existenciais *ter*, *haver* e *existir* no falar culto em amostra de português europeu insular a partir de uma análise variacionista

O "Portal de Variedades de Português" (PVP) é um projeto (em andamento) de um banco de dados de variedades de fala de língua(s) portuguesa(s). Corpora como o WALS (Dryer & Haspelmath 2013), o APiCS (Michaelis et al. 2013), o e-Wave (Kortmann, Lunkenheimer & Ehret

2020), o Ethnologue (Eberhard et al. 2021) e o Glottolog (Hammarström et al. 2020) são trabalhos que inspiram sua criação. Em fases anteriores, uma lista de fenômenos gramaticais e lexicais foi desenvolvida a partir de exemplos de variedades atestadas na literatura especializada, principalmente em trabalhos descritivos sobre variedades de fala (Mattos & Oliveira 2020; 2022).

Nesta apresentação, mostraremos como a investigação com base em uma grande quantidade de dados que permite a comparação entre variedades, como é a proposta do PVP, pode contribuir para a verificação de hipóteses alçadas na literatura especializada e para o desenvolvimento de novas propostas de análises. Como exemplo, apresentamos dois casos relacionados à Negação atestados na literatura: i) em português não se permite a concorrência de dois operadores negativos antes ou depois do verbo (cf. Schwenter 2016); ii) o operador *nunca* é associado ao sentido temporal de 'jamais' (Bechara 2019). Todavia, na variedade falada em Kalunga (ver Mattos 2019), atesta-se a presença de construções como *ninguém não viu*, com dois operadores negativos antes do verbo, e *eu nunca vi João hoje*, em que *nunca* funciona como um marcador para negar a sentença, sem associação à temporalidade (Mattos 2020).

Além disso, por meio do PVP, objetivamos desconstruir o conceito de macrovariedades – por exemplo, PA (português angolano) (Araújo, Petter, José 2018), PVB (português vernacular brasileiro) (Mello 1996), português afro-brasileiro (Lucchesi, Baxter & Ribeiro 2009), português rural/urbano (Bortoni-Ricardo 1985; 2002), variedade madeirense de português (Bazenga 2014) – tão comumente observado na literatura especializada. Estudos descritivos de variedades específicas vêm atestando que os fenômenos linguísticos não podem ser associados a áreas de fala

predefinidas com base em critérios geopolíticos ou mesmo étnicos (Mattos & Oliveira 2022). Como exemplo, apresentamos o território denominado Sapê do Norte, norte do Espírito Santo, Brasil (Borges, Oliveira e Mattos, em preparação). Essa área é reconhecida geopoliticamente como rural, e, portanto, assume-se que, no conjunto de territórios que compõem o Sapê do Norte, haja apenas falantes de 'português rural brasileiro'.

Dessa forma, buscamos, a partir do PVP, expandir pesquisas e desenvolver, de forma mais acurada, propostas de estudos sobre as variedades em territorialidades de fala do português.

Víctor Lara Bermejo (Universidade de Cádiz)

6ª/ Fr, 22/09/2023, 12h

Cortesia e tratamentos nas variedades insulares do português europeu

O sistema de tratamentos no português europeu é conhecido pela sua enorme complexidade. Embora os estudos ainda façam referência aos dados que fornecem as gramáticas, carecemos de trabalhos empíricos que apoiem ou refutem tais dados. Além disso, as análises que se levam a cabo repetem as mesmas ideias: o pronome *você* é controverso e, portanto, é evitado; a estratégia do pronome nulo ou do sintagma nominal mais a 3sg é a mais utilizada para substituir a instabilidade de *você* (Carreira 2003); a forma *vós* só existe no norte, mas *vocês* é o pronome por definição para o plural, com dupla concordância: 3pl para verbos e reflexos, e 2pl para objetos e possessivos (Raposo et al. 2013). Ademais, os trabalhos que se publicam focam-se no território continental, mas não

há nem estudos sobre os Açores nem sobre a Madeira, exceto os feitos por Bazenga (2019 ou 2022) para a realidade madeirense.

Nesta apresentação, tenciono mostrar o sistema atual de pronomes de tratamento em ambos os arquipélagos de Portugal, graças a um trabalho de campo específico realizado durante 2022. Através de um inquérito a mais de 200 pessoas, obtive mais de 3.000 ocorrências mediante a dobragem de uma série de cenas de uma série de televisão, onde uma personagem tratava a outra pessoa ou a um grupo de pessoas. O inquérito garantia a espontaneidade do falante e tinha em conta os fatores pragmáticos da situação comunicativa. Os dados indicam que as zonas insulares divergem com respeito a Portugal continental, não só no uso explícito de *você*, mas também no referente à conceição da família. Igualmente, a concordância sintática do pronome *vocês* espalha-se aos poucos, sendo sempre o núcleo urbano o epicentro deste fenómeno. No entanto, encontram-se claras diferenças entre os Açores e a Madeira, já que a Madeira é mais propensa à solidariedade pragmática, enquanto os Açores anda a criar um sistema inédito em português europeu, com a reciclagem da forma *vós* para a distância em plural.

Os resultados em ambos os arquipélagos demonstram que a idade e o nível de estudos são as variáveis essenciais e significativas no desenvolvimento da cortesia nas áreas insulares, mas também evidenciam outros fenómenos mais desconhecidos e que têm a ver com a polidez, como o *lheísmo* de cortesia.

Bibliografia

Bazenga, Aline (2019): Forms of address in an insular variety of European Portuguese (Funchal, Madeira island): a Labovian analysis. Conference presented at *Languages, Nations, Culture LNC 2019*. Stockholm: University of Stockholm,

24th May 2019.

Bazenga, Aline (2022): "Formas de tratamento de segunda pessoa de singular em português: representações e crenças de falantes madeirenses," in: *Arquivo Histórico da Madeira*, 4, 1-35.

Carreira, Maria Helena Araújo (2003) : « Les formes allocutives en portugais européen: évolution, valeurs et fonctionnements discursifs , » in : *Franco-British Studies*, 33/34, 35-45.

Raposo, Eduardo Buzaglo Paiva et. Al. (2013): *Gramática do Português, 3 vol.*
Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Ana Paulla Braga Mattos, Universidade de Aarhus

Márcia Santos Duarte de Oliveira, Universidade de São Paulo

6ª/Fr, 22/09/2023, 14h15

Contribuição do Portal de Variedades do Português (PVP) para os estudos linguísticos

O "Portal de Variedades de Português" (PVP) é um projeto (em andamento) de um banco de dados de variedades de fala de língua(s) portuguesa(s). Corpora como o WALS (Dryer & Haspelmath 2013), o APiCS (Michaelis et al. 2013), o e-Wave (Kortmann, Lunkenheimer & Ehret 2020), o Ethnologue (Eberhard et al. 2021) e o Glottolog (Hammarström et al. 2020) são trabalhos que inspiram sua criação. Em fases anteriores, uma lista de fenômenos gramaticais e lexicais foi desenvolvida a partir de exemplos de variedades atestadas na literatura especializada, principalmente em trabalhos descritivos sobre variedades de fala (Mattos & Oliveira 2020; 2022).

Nesta apresentação, mostraremos como a investigação com base em uma grande quantidade de dados que permite a comparação entre variedades,

como é a proposta do PVP, pode contribuir para a verificação de hipóteses alçadas na literatura especializada e para o desenvolvimento de novas propostas de análises. Como exemplo, apresentamos dois casos relacionados à Negação atestados na literatura: i) em português não se permite a concorrência de dois operadores negativos antes ou depois do verbo (cf. Schwenter 2016); ii) o operador *nunca* é associado ao sentido temporal de 'jamais' (Bechara 2019). Todavia, na variedade falada em Kalunga (ver Mattos 2019), atesta-se a presença de construções como *ninguém não viu*, com dois operadores negativos antes do verbo, e *eu nunca vi João hoje*, em que *nunca* funciona como um marcador para negar a sentença, sem associação à temporalidade (Mattos 2020).

Além disso, por meio do PVP, objetivamos desconstruir o conceito de macrovariedades – por exemplo, PA (português angolano) (Araújo, Petter, José 2018), PVB (português vernacular brasileiro) (Mello 1996), português afro-brasileiro (Lucchesi, Baxter & Ribeiro 2009), português rural/urbano (Bortoni-Ricardo 1985; 2002), variedade madeirense de português (Bazenga 2014) – tão comumente observado na literatura especializada. Estudos descritivos de variedades específicas vêm atestando que os fenômenos linguísticos não podem ser associados a áreas de fala predefinidas com base em critérios geopolíticos ou mesmo étnicos (Mattos & Oliveira 2022). Como exemplo, apresentamos o território denominado Sapê do Norte, norte do Espírito Santo, Brasil (Borges, Oliveira e Mattos, em preparação). Essa área é reconhecida geopoliticamente como rural, e, portanto, assume-se que, no conjunto de territórios que compõem o Sapê do Norte, haja apenas falantes de 'português rural brasileiro'.

Dessa forma, buscamos, a partir do PVP, expandir pesquisas e desenvolver, de forma mais acurada, propostas de estudos sobre as variedades em territorialidades de fala do português.